



Oportunidades e desafios para agricultores agroecológicos na cadeia produtiva de plantas medicinais e aromáticas no Brasil

Opportunities and challenges for small producers in the production chain of medicinal and aromatic plants in Brazil.

BARROS, S. Olga¹; NETTO, M. Geraldo²; BAZARIAN, V. Simone³; HOFFMANN, R. Maurício⁴; BRAGA, R., Ana Claudia⁵

¹ Fatec Capão Bonito, olgasudario@gmail.com; ² Fatec Capão Bonito, gemalutta@gmail.com, ³Sítio Amaranto, nonibazarian@yahoo.com.br, ⁴Inkora Florestal LTDA, 4mauriciohoffmann@gmail.com, ⁵ Fatec Capão Bonito, ac.braga.kika@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O crescente mercado de plantas medicinais e aromáticas tem aumentado as oportunidades para produtores agroecológicos no Brasil. Este trabalho analisou a oferta e demanda das espécies para óleos essenciais, para entender os desafios encontrados na cadeia produtiva. Foi aplicado um questionário com representantes de empresas, incluindo as envolvidas na produção de ervas e óleos essenciais. Melaleuca e Capim limão foram as mais citadas como mais comercializadas; Malva-cheirosa, Lavanda francesa e Rosa foram citadas como as mais raras; e, Malva-cheirosa, Pitanga e Erva-baleeira como as mais caras. Os principais problemas apontados na cadeia produtiva são legislação, mão de obra e custos altos. Nota-se que há um desencontro entre os óleos essenciais procurados e as espécies com boa produtividade, especialmente nas pequenas propriedades agroecológicas, que tem maior possibilidades de atender ao mercado que busca produtos provenientes de uma produção social, ambiental e economicamente justa.

Palavras-chave: óleos essenciais; oferta e demanda; agricultura ecológica

Introdução

O mercado de plantas medicinais e aromáticas tem crescido rapidamente nos últimos anos. Impulsionado por dois motivos principais, (1) a crescente preocupação com a presença de produtos químicos nocivos à saúde humana; e, (2) o aumento com o autocuidado (MARQUES *et. al*, 2017). Entretanto, a produção de plantas medicinais no Brasil está prioritariamente focada na monocultura e no uso intensivo de agrotóxicos, ou é fruto do extrativismo predatório (LOURENZANI *et. al*, 2004).

O Brasil se apresenta como um forte candidato à produção matéria-prima de plantas medicinais e aromáticas, independentemente do uso final, por possuir condições edafoclimáticas favoráveis e abrigar cerca de 22% da flora mundial conhecida (FUZÉR; SOUZA, 2003). Arelada à esta rica biodiversidade existe ainda, a diversidade sociocultural, com diferentes formas de conhecimento sobre o uso e manejo de plantas medicinais e aromáticas (DE PAULA *et. al*, 2020).



A produção agroecológica de plantas medicinais e aromáticas, além de estar em consonância com as novas necessidades do mercado (LOURENZANI *et. al*, 2004), é capaz de gerar benefícios ambientais, sociais e econômicos, de acordo com seus princípios (CANDIOTO, 2020). Incluindo e valorizando os conhecimentos oriundos das populações rurais e sua relação com os ecossistemas onde estão inseridas (DE PAULA *et. al*, 2020). Um dos exemplos é o protagonismo de gênero nesta produção, historicamente feita por mulheres em pequenos espaços que circundam suas casas para uso cotidiano. E, que tem ganhado espaço em cooperativas e associações voltadas à produção e comercialização destas espécies (APOLINÁRIO, 2021).

Porém, o mercado brasileiro de plantas medicinais e aromáticas enfrenta ainda grandes desafios, caracterizado como desorganizado e amador (LOURENZANI *et. al*, 2004). De forma que, embora possua grande possibilidades de ampliar a produção distribuindo benefícios entre produtores e expandir o seu uso na saúde pública, a maior parte do mercado nacional (70%) é controlada por empresas transacionais e, as empresas farmacêuticas ainda importam grande parte de sua matéria-prima (BIZZO; RESENDE 2022).

Portanto, para que seja possível planejar a produção de plantas medicinais e aromáticas de forma sustentável e adequada aos pequenos agricultores é necessário conhecer melhor o mercado e melhorar a cadeia produtiva. Assim, este trabalho tem o objetivo analisar a oferta e demanda das espécies para óleos essenciais (OE), buscando entender os desafios e entraves encontrados na cadeia produtiva. Contribuindo, portanto, para direcionar os plantios nos sistemas agroecológicos em pequenas propriedades, seja para dar escala a produção, seja para atender a demanda por plantas mais raras.

Metodologia

Para tanto, utilizamos entrevistas estruturadas, que são aquelas onde se utiliza questões fechadas e pré-definidas (BONI; QUARESMA, 2005). Assim, aplicamos um questionário às empresas que atuam no mercado de OEs, incluindo tanto aquelas focadas na produção de ervas (agricultores) e OEs, como as que apenas envasam e os comercializam. Foram elaboradas 15 questões divididas em duas etapas: *Etapa 01* - Dados gerais do entrevistado; e, *Etapa 02* - Dados sobre a cadeia produtiva de ervas medicinais e aromáticas, contanto com questões qualitativas e quantitativas. Incluindo perguntas sobre os desafios enfrentados pelas empresas do setor, tanto na produção quanto em outros pontos da cadeia produtiva. Ademais, questões sobre a demanda de óleos essenciais (OE) provenientes de espécies mais comercializadas, mais raras (mais difíceis de encontrar) e, aquelas com maior valor (mais caras).

Os questionários foram enviados por meio digital após contato prévio com a empresa ou representante, e, quando necessário foi feito contato telefônico. As respostas foram planilhadas e analisadas.



Resultados e Discussão

Foram contatadas 37 empresas do setor e obtivemos 9 respostas, sendo que 4 foram fornecidas pelos proprietários, 2 pelos CEOs, e 3 por funcionários de departamento específicos (Comercial e Analista de Relacionamento). Das empresas que responderam, 4 são consideradas empresas pequenas e familiares, e 5 são consideradas médias.

A cadeia produtiva de ervas medicinais e aromáticas é complexa e demanda conhecimentos específicos em cada etapa, talvez por isso, muitos produtores de OEs acabam verticalizando, pelo menos em parte sua produção. Boa parte dos entrevistados (44%) possui apenas 25% de produção própria da matéria-prima, comprando de terceiros o restante. Apenas dois entrevistados afirmaram produzir 100% da matéria-prima utilizada na produção de OE (22% dos entrevistados); um afirmou ter 75% da produção própria de matéria-prima (12% dos entrevistados). Dois entrevistados afirmaram não produzir a matéria-prima (22%), sendo que um deles afirmou fazer apenas o envase.

Dentre os problemas enfrentados na cadeia produtiva, os entrevistados apontaram a legislação brasileira, o custo produtivo, especialmente em relação à mão de obra e a relação oferta e demanda, pois as espécies mais demandadas possuem baixa produtividade no Brasil e aquelas que conseguem produzir bem, são pouco procuradas. Como exemplificado nesta resposta de um dos entrevistados:

“Algumas espécies de óleos essenciais com altíssima demanda não conseguimos cultivar em nossa região. Ou então conseguimos produzir, mas o óleo essencial extraído fica em um padrão químico cromatológico (quimiotipo) diferente do que o mercado procura.”

Juntando as espécies citadas pelos entrevistados obtivemos uma lista de 37 espécies mais comercializadas, mais raras ou mais caras (Tabela 01). Dentre as espécies mais comercializadas, foram citadas 16 espécies, sendo as mais citadas a Melaleuca e o Capim Limão (Tabela 01). As espécies classificadas com “raras”, que são aquelas mais difíceis de encontrar no mercado, a Malva-cheirosa e a Lavanda-verdadeira foram as mais citadas, seguidas pela Rosa, totalizando 15 espécies (Tabela 01). Dentre as espécies mais “caras”, cujo valor pago é maior, a Malva-cheirosa e a Pitanga foram as mais citadas, seguidas pela Erva-baleeira, em uma lista de 25 espécies (Tabela 01). Interessante observar que a Pitanga e a Erva-baleeira, que são espécies nativas e, portanto, tendem a se adaptar melhor às condições edafoclimáticas, sendo mais fáceis de cultivar, estão entre as “mais caras”. O que pode ser explicado pelo baixo rendimento do OE, sendo este também o caso da Malva-cheirosa, citada como “mais cara” e “mais rara”. O que difere do que acontece com Lavanda-verdadeira que é mais difícil de produzir na maior parte do país, e é muito procurada, sendo muito citada como “mais rara”.

Tabela 01 – Lista de espécies citadas como “Mais Comercializadas”, “Mais Raras”, “Mais Caras” e seus respectivos números de citações, organizadas por ordem alfabética do nome popular, constando também o nome científico.



| Nome Popular | Nome Científico | Mais comercializadas Nº de citações * | Plantas mais raras no mercado Nº de citações * | Plantas mais caras no mercado Nº de citações * |
|---|---|--|---|---|
| Alecrim | <i>Salvia rosmarinus</i> | 3 | | |
| Alecrim-do-campo, vassoura, | <i>Baccharis dracunculifolia</i> | 1 | | 1 |
| Alfavaca cravo | <i>Ocimum gratissimum</i> | 1 | | |
| Amescla, breu-branco-da-praia, amescla-cheirosa | <i>Protium heptaphyllum</i> (resina) | | | 1 |
| Arruda-da-serra, arrudinha, arruda-brava | <i>Poiretia bahiana</i> | | 1 | |
| Baunilha | <i>Vanilla planifolia</i> | | 1 | |
| Bergamota | <i>Citrus reticulata</i> | | | 1 |
| Camomila | <i>Matricaria chamomilla</i> | | 1 | 1 |
| Capim limão | <i>Cymbopogon citratus</i> | 5 | | 1 |
| Citronela | <i>Cymbopogon winterianus</i> | 1 | | |
| Erva baleeira | <i>Cordia verbenacea</i> | 1 | | 3 |
| Eucalipto-cidra | <i>Eucalyptus dunnii</i> | 1 | | |
| Eucalipto-da-tasmânia | <i>Eucalypto globulos</i> | 3 | | 1 |
| Flor-de-laranjeira, neroli | <i>Citrus sinensis (flor)</i> | | | 1 |
| Geranio, malva-cheirosa | <i>Pelargonium graveolens</i> | 1 | 2 | 3 |
| Goiaba | <i>Psidium guajava</i> | | 1 | 1 |
| Hortelã-pimenta | <i>Mentha piperita</i> | 3 | | |
| Jasmim | <i>Jasmin spp.</i> | | | 1 |
| Jasmim árabe | <i>Jasminum sambac</i> | | | 1 |
| Jurema branca | <i>Mimosa ophthalmocentra</i> | | | 1 |
| Laranja-doce | <i>Citrus sinensis</i> | 3 | 1 | 1 |
| Lavanda comum, lavanda brasileira | <i>Lavandula dentada</i> | 4 | 1 | 1 |
| Lavanda verdadeira, lavanda francesa, | <i>Lavandula angustifolia</i> | 4 | 2 | |
| Lotus | <i>Nelumbo nucifera</i> | | | 1 |
| Manejeriçã | <i>Ocimum basilicum</i> | 1 | | |
| Melaleuca | <i>Melaleuca alternifolia</i> | 6 | | 1 |
| Menta | <i>Mentha spp.</i> | | 1 | |
| Mirra | <i>Commiphora myrrha</i> | | 1 | 1 |
| Olibano, franquincenso | <i>Boswellia carterii</i> | | | 1 |
| Patchouly | <i>Pogostemon cablin</i> | | 1 | |
| Pimenta rosa | <i>Schinus terebinthifolia</i> (fruto) | 2 | | 1 |
| Pitanga | <i>Eugenia uniflora</i> | 1 | 1 | 3 |
| Rosa | <i>Rosa spp.</i> | | 1 | 2 |



| | | | |
|--------------------------------------|----------------------------|---|---|
| Rosa-de-damasco e rosa-de-castela | <i>Rosa damascena</i> | 1 | 2 |
| Verbena | <i>Verbena officinalis</i> | | 2 |
| Ylang - ylang | <i>Cananga odorata</i> | 1 | 1 |

*número de vezes que as espécies foram citadas pelos entrevistados. Fonte: elaboração própria

De acordo com os dados de importação OE no Brasil, a lavanda-verdadeira é a terceira espécie mais importada (BIZZO; RESENDE, 2022), o que corrobora com os dados aqui apresentados, em que esta espécie está listada como rara. Dentre as mais comercializadas o Capim-limão é também uma das espécies cujo OE é muito exportado (BIESKI *et. al*, 2022). Entretanto, é importante observar o perfil dos entrevistados, cuja produção é voltada para o mercado interno e em específico para consumidor final e não para uso industrial. E, assim, a demanda de OE proveniente do consumidor final se diferencia, por ser baseada em seu conhecimento e indicações terapêuticas, e não pelos desdobramentos químicos possíveis de seus compostos, como é o caso da demanda industrial (BIESKI *et. al*, 2022). Desta forma, os OEs mais comercializados e mais raros aqui levantados são encontrados, por exemplo, na lista dos “OE mais conhecidos da Aromaterapia” (WELLIFE, 2021). Percebemos um desencontro entre o OEs procurados e as espécies com boa produtividade, em específico em pequenas propriedades e agroecológicas, que possuem maior possibilidades de atender à um mercado que busca produtos provenientes da uma produção social, ambiental e economicamente justa. Por outro lado, observa-se uma carência de informações sobre os OEs consumidos por consumidores finais na literatura.

Conclusões

Observamos que a cadeia produtiva de óleos essenciais, assim como, plantas medicinais e aromáticas ainda apresenta grandes desafios em todas as suas etapas. Os principais problemas aqui levantados são referentes à legislação brasileira, mão de obra qualificada e altos custos. Outro ponto, é a dificuldade de se produzir algumas plantas com alta demanda e, a baixa procura por espécies de fácil produção, havendo um desencontro entre a procura de OEs por consumidores finais e aqueles com produção voltada a este setor. O que pode ser observado pelas espécies mais comercializadas, mais raras e mais caras aqui apresentadas. Estes são alguns pontos de atenção para que os pequenos produtores e agroecológicos, consigam aproveitar a oportunidade do crescente mercado de plantas medicinais e aromáticas que busca produtores social, ambiental e economicamente adequados.

Agradecimentos

Agradecemos a bolsa PIBITI CPS-CNPq – Edição 2022/2023, e aos entrevistados.



Referências bibliográficas

APOLINÁRIO, P. **Rede sociotécnica de inovação em plantas medicinais e fitoterápicos: do coletivo de mulheres no assentamento Pirituba ao SUS Itapeva-SP.** 2021. 239 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento rural) – Universidade Federal de São Carlos, Campus Araras, Araras, 2021.

BIESKI, I. G. C.; SANTOS, J. L. U. D.; FERREIRA, M. D. L.; *et. al* (2020). Potencial econômico e terapêutico dos óleos essenciais mais utilizados no Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro. Supl. 1, p.125-137, 2022

BIZZO, H. R.; REZENDE, C. M. O mercado de óleos essenciais no Brasil e no mundo na última década. **Química Nova**, v. 45, p. 949-958, 2022.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Santa Catarina, v.2, n.1, p. 68-80, 2005.

CANDIOTTO, L. Z. P. Agroecologia: Conceitos, princípios e sua multidimensionalidade. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 2, n. 2, p. 25-25, 2020.

DE PAULA, J. S.; DA LUZ SILVA, J.; FERRAZ, L. C. L. Levantamento de plantas medicinais e aromáticas utilizadas na horta comunitária Vapabuçu-MG. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 11., 2019, São Cristóvão. **Anais eletrônicos [...]** São Cristóvão: Associação Brasileira de Agroecologia, 2019. (Cadernos de Agroecologia, v.15, n. 2, 2020).

FUZÉR, L.; SOUZA, I. IBAMA dá início a núcleo de plantas medicinais. **Bionotícias**, Rio de Janeiro, Conselho Regional de Biologia 2º Região RJ/ES (CRBio-2), n. 57, p. 6-7, 2003.

LOURENZANI, A. E. B. S.; LOURENZANI, W. L.; BATALHA, M. O. Barreiras e oportunidades na comercialização de plantas medicinais provenientes da agricultura familiar. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.34, n.3, p.15-25, 2004.

MARQUES, M. O., MAGALHÃES, P. M.; JUNIOR, I. M. *et. al.* Óleos essenciais, plantas aromáticas e medicinais. In. WORKSHOP EM BIOECONOMIA, 7, 2017, Campinas. **Termo de Referência**. Campinas: IAC Instituto Agrônômico (IAC).

WELLIFE. Os 10 óleos essenciais mais conhecidos na aromaterapia. In: *Wellife*. 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.wellife.com.br/blog/post/os-10-oleos-essenciais-mais-conhecidos-na-aromaterapia>. Acesso em: 11 ago. 2023.